

Reflexões sobre os fatos de sinonímia nos manuscritos de F. de Saussure

Hozanete Lima¹

Felipe Moraes de Melo²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo acompanhar certa reflexão do linguista F. de Saussure sobre o que denominou “fatos de sinonímia”, através de manuscritos organizados nas edições Écrits de Linguistique Générale (SAUSSURE, 2002) e Ferdinand de Saussure; Science du langage; De la double essence du langage (SAUSSURE, 2011). Considerar o pensamento do linguista sobre essa questão parece-nos, sem dúvida, um exercício historiográfico significativo para a ciência da linguagem. Assim, neste estudo, levantamos uma reflexão orientada pelas seguintes demandas: 1. Quais razões teriam levado F. de Saussure a se interessar pelos “fatos de sinonímia”?; 2. De que maneira o linguista se coloca mediante este tipo de manifestação linguística?

Palavras-chave: *Fatos de sinonímia. Manuscritos saussurianos. Historiografia linguística*

¹ Professora do Departamento de Letras da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

² Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Considerações iniciais

Vieram a público, no ano de 2002, na França, a obra *Écrits de Linguistique Générale* (doravante ELG) e, no ano de 2011, na Suíça, *Ferdinand de Saussure; Science du langage; De la double essence du langage* (doravante SD). Essas edições contêm um conjunto específico de manuscritos – de um universo de aproximadamente 50 mil folhas preservadas, atualmente, na Biblioteca de Genebra, na seção intitulada *Arch. de Saussure 372* (Arquivos de Saussure 372) – através dos quais é possível contemplar a atividade reflexiva de um linguista implicado com a cientificidade da Linguística.

Nos ELG (SAUSSURE, 2002) e no SD (SAUSSURE, 2011), encontramos específicas anotações e textos saussurianos sobre os “fatos de sinonímia”. Embora as notas e os textos pareçam fragmentários, acompanhar os caminhos traçados por F. de Saussure na tentativa de formular de que modo se constituem e se manifestam os “fatos de sinonímia” parece-nos, sem dúvida, um exercício historiográfico significativo para a ciência da linguagem. Considerando esses fatos, nosso estudo se realiza na esteira das seguintes questões: 1. Quais razões teriam levado F. de Saussure a se interessar pelos “fatos de sinonímia”?; 2. De que maneira o linguista maneja esse tipo de manifestação linguística?³

Consagramos a primeira parte de nosso estudo à problemática da apocrifia⁴, no que diz respeito aos fragmentos dedicados aos fatos de sinonímia. As segunda e terceira partes reencontram, nos textos saussurianos, os conceitos fundamentais estabelecidos pela Historiografia Linguística, a exemplo da *arbitrariedade*, da *negatividade* e da *não positividade*. A quarta parte dá continuidade às discussões saussurianas, ampliando-se os argumentos e os exemplos eleitos pelo linguista.

³ Em outra situação (LIMA & MELO, 2017), iniciamos uma reflexão envolvendo os fatos de sinonímia nos manuscritos saussurianos. Aqui, retomamos essa questão de modo mais intenso, explorando e aprofundando as análises.

⁴ A palavra “apocrifia” aqui não é tomada a partir de nenhum cariz negativo. Ela se refere muito mais ao fato dos textos não estarem sob uma organização feita pelas próprias mãos de Saussure. E, ainda que se assim o fosse, pela própria constituição e natureza das questões com as quais o mestre genebrino estava envolvido – lembramos que ele próprio não publicou suas anotações em um livro – os fragmentos poderiam apresentar essa “rostidade” fragmentária.

ELG e SD: portas de apocrifia

Nos ELD e SD, os textos saussurianos estão dispostos consoante um estabelecimento bem particular. Não sendo, pois, do próprio Saussure, este estabelecimento é, portanto, se assim podemos afirmar, “apócrifo”. Bouquet, Engler (SAUSSURE, 2002) e Amacker (SAUSSURE, 2011) alertam os leitores sobre o estado em que se encontravam os manuscritos, quando descobertos no ano de 1966, e sobre as situações particulares que envolveram a transferência desse material da casa da família do linguista até sua disposição na Biblioteca de Genebra (doravante BG)⁵. Esses fatores impuseram aos estudiosos um apurado trabalho de editoração, de exposição e de estabelecimento dos documentos do Arch. de Saussure 372 (*AdS*).

No que concerne às notas sobre os “fatos de sinonímia”, particularmente, há uma disposição sequencial diferente no interior das duas edições. Encontramo-las nos ELG, nas seções assim numeradas e intituladas “25 [Sur la négativité de la synonymie]”, “26 [Question de synonymie (suite)]” e “27 De l’essence”. Já no SD, os assuntos relacionados a esses itens encontram-se nas seções 106, 107 e 108.

Na tentativa de esboçar uma comparação – mui sucinta, todavia –, recorreremos a um excerto de um manuscrito saussuriano para apreciar a conformidade do manuscrito original e o estabelecimento que lhe é dedicado por Bouquet, Engler (SAUSSURE, 2002) e Amacker (SAUSSURE, 2011). Elegemos, para tanto, um pequeno fragmento (figura 1) cujo título é “Sur la négativité de la synonymie” (Sobre a negatividade da sinonímia).

⁵ Conferir os capítulos introdutórios dos ELG e SD.

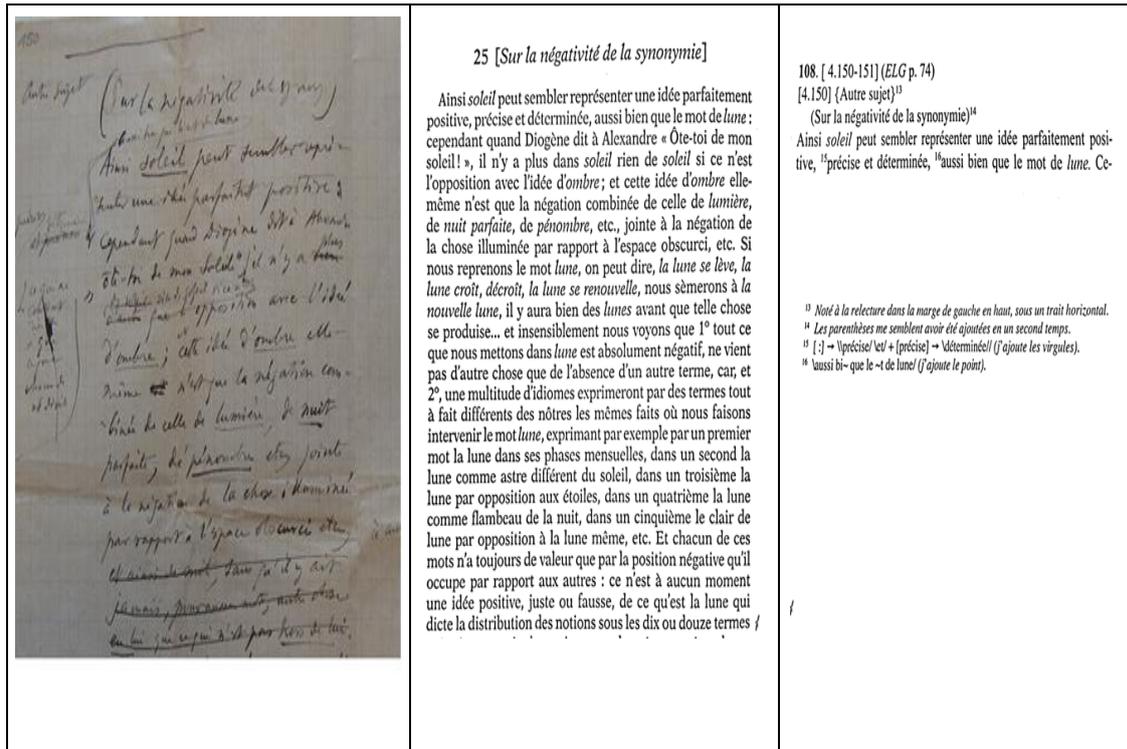


Figura 1: “Sur la négativité de la synonymie”. Fonte: Arch De Saussure 372, seção 4.150; Saussure (2002); Saussure (2011).

Na cartografia do manuscrito saussuriano são visíveis rastros de uma intensa atividade reflexiva: o traçado não linear, o indício de paradas e pausas no fio escritural, as rasuras, as inserções, o abandono de ideias ou frases, os escritos entrelinhas, dentre outros.

Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2002) assumem os limites impostos pela editora responsável pela publicação dos ELG: primar pela lisibilidade e possibilitar ao leitor uma leitura mais fluida. Já Amacker (SAUSSURE, 2011), seguindo uma via própria, prefere dar visibilidade a trechos e palavras rasuradas no manuscrito. O autor, nos seguintes modos, justifica a estrutura de sua edição:

Pode-se objetar que teria sido suficiente para este fim reproduzir o texto crítico estabelecido por Engler. Em resposta, é necessário dizer que a coisa não seria mais possível pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, a apresentação quase diplomática eleita pelo sábio bernense nem sempre permite que se tenha uma ideia da sucessão dos estados do texto – onde, é claro, esta sucessão pode ser reconstituída com alguma certeza; em segundo lugar, como eu indiquei, certas leituras são problemáticas, pudemos decifrar palavras que Engler considerou ilegíveis, a ordem dos fragmentos e adições que aparece em uma página às vezes pôde ser

corrigido (AMACKER, 2011, p. 14. In: SAUSSURE, 2011 – tradução nossa)⁶.

A “ordem dos fragmentos e adições” recebeu de Amacker atenção especial. Cuidadosamente, ele conduz seu leitor à localização, nos ELG – o que comprova o valor que ele dá ao trabalho anteriormente elaborado por Bouquet e Engler – e no próprio *Arch. de Saussure*, dos fragmentos por ele ordenados. A partir do quadro 1, poderemos deixar mais clara a tomada de posição de Amacker, em contraposição a Bouquet e Engler.

ELG – Texto estabelecido por Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2002)	SD – Texto estabelecido por Amacker (SAUSSURE, 2011)
25 [Sur la négativité de la synonymie]	107. [4.153-156] (ELG p. 75-76) [4.153] {Question de synonymie (suite)}
26 [Question de synonymie (suite)]	108. [4.150-151] (ELG p. 74) [4.150] {Autre sujet} (Sur la négativité de la synonymie)

Quadro 1: posição de Amacker em contraposição a Bouquet e Engler.

Há uma notação numérica bem particular no SD. Os “itens” textuais “Sur la négativité de la synonymie” e “Question de synonymie (suite)” sofrem um ordenamento diferente daquele visto nos ELG. É na numeração 107 do SD que encontramos o conteúdo de 26 nos ELG e, em 108 (SD), o conteúdo de 25 (ELG). Há, ainda, outras informações numéricas através das quais Amacker sincroniza uma série de referências – cuidadosamente explicitada no prefácio do SD. No quadro 1, lemos, em 107, entre parêntesis, a enumeração [4.153-156] seguida de uma informação entre colchetes, (ELG p. 74), através da qual Amacker reporta às páginas dos ELG onde se encontra o fragmento por ele mencionado; nos parêntesis, o número 4 refere-se à seção onde estão dispostos os

⁶ “On objectera peut-être qu’il aurait suffi à cette fin de reproduire le texte critique établi par Engler. En réponse, il faut dire que la chose n’était guère possible pour au moins deux raisons: en premier lieu, la présentation quasi diplomatique choisie par le savant bernois [...] ne permet pas toujours de se faire une idée suffisante de la succession des états du texte – là bien entendu où cette succession peut-être reconstituée avec quelque certitude; en second lieu, comme je l’ai signalé, certaines lectures y sont fautive, des mots qu’Engler avait considérés comme illisibles ont pu être déchiffrés, l’ordre des fragments et des ajouts figurant dans une page a pu parfois être corrigé”.

manuscritos saussurianos na Biblioteca de Genebra; já a enumeração 153-156 reporta à sequência dos próprios manuscritos na BG.

Retomando a figura 1, visualiza-se, embora com certa dificuldade, o número 150, na parte superior do canto esquerdo do manuscrito. Amacker anuncia que este tipo de marcação não é uma notação saussuriana; ela é fruto da maneira particular como os manuscritos foram reorganizados e dispostos após o “achado” de 1996.

Se o estabelecimento dos textos saussurianos, pelo que podemos constatar, será sempre uma questão delicada, dependendo de um cuidadoso engajamento historiográfico, é possível assumir que certas passagens, nos próprios manuscritos, oferecem caminhos, por mínimos que sejam, com os quais justificariamos um estabelecimento sequencial. Tomemos, a título de exemplo, o enunciado que abre o manuscrito “25 [Sur la négativité de la synonymie]”, como apresentado nos ELG: “Assim, *sol* parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada [...]” (SAUSSURE, 2002, p. 74 – grifo do autor, tradução nossa)⁷. O elemento conclusivo “assim” permite depreender que o fragmento “25 [Sur la négativité de la synonymie]” dá continuidade a uma discussão sobre os “fatos de sinonímia” já iniciada por F. de Saussure.

Do mesmo modo, podemos proceder com o fragmento denominado “26 Question de synonymie (suite). O termo “suite” (segue, continuação, etc.) nos permite inferir que este fragmento faz parte de um conjunto de reflexões saussurianas sobre os “fatos de sinonímia”. Provavelmente, Amacker tenha seguido muitas dessas pistas para organizar os manuscritos na edição do SD. O autor opera um deslocamento no texto intitulado “26 De l’essence” – quando comparamos com a disposição do mesmo texto nos ELG –, colocando-o à frente dos fragmentos “25 [Sur la négativité de la synonymie]” e “26 [Question de synonymie (suite)]”.

Ao comparar tais edições, certamente, é necessário entender o projeto editorial que envolve as duas obras. Seria inconsequente defender que os fragmentos – dispostos por Amacker – 107 e 108 sejam uma espécie de primeira versão de um pensamento cuja homogeneidade, sequência e escolhas estariam organizadas de modo mais homogêneo no fragmento 106 – que corresponderia ao texto “26 De l’essence” dos ELG. A postura que se tome mediante tais manuscritos depende do trabalho rigoroso dos linguistas, de buscas

⁷ “Ainsi *soleil* peut sembler représenter une idée parfaitement positive, précise et détermine [...]”.

peçoais e pontuais de cada investigador, haja vista não podermos operar com os manuscritos saussurianos negligenciando, em muitas situações, os traços da “apocrifia” – na ordem de seu estabelecimento sequencial.

A negatividade da sinonímia

Os estudos sobre os fatos de sinonímia são uma prática metalinguística antiga e constituíram questões extensas e saberes linguísticos aprofundados durante toda a metade do século XIX (BISCONTI, 2012). Auroux (1985) lembra que a sinonímia foi – e ainda é – objeto de reflexão de recolhas de sinônimos, dicionários, estudos de semântica e lexicais. Saussure, decerto, fez parte de uma geração que se interessava pela prática metalinguística da sinonímia, embora ele não faça referência, nos fragmentos aqui analisados, a nenhum autor em especial.

Considerando as circunstâncias históricas em que Saussure escreveu os fragmentos sobre a sinonímia, não perdemos de vista que ele tenha sido um grande conhecedor de estudos sobre tal assunto. De modo preciso, podemos citar Michel Bréal (1882) – com quem Saussure mantinha, de fato, fortes relações acadêmico-científicas⁸ –, linguista que concentra grandes esforços discorrendo sobre a sinonímia em sua obra sobre *Ensaio de Semântica*, publicada no ano de 1897⁹.

Saussure demonstra um interesse particular pelos fatos de sinonímia, como se lê na passagem:

O sinonimista que se maravilha com todas as coisas que estão contidas em uma palavra como espírito pensa que esses tesouros não poderiam jamais estar contidos aí se não fosse o fruto da reflexão, da experiência, da filosofia profunda acumulada no fundo de uma língua por gerações que dela se serviram (SAUSSURE, 2002, p. 78)¹⁰.

Se os “sinonimistas” postulavam que os sentidos de uma palavra como “espírito” seriam “o fruto da reflexão, da experiência, da filosofia profunda acumulada no fundo de

⁸ Lembramos que Bréal foi professor e responsável direto pela presença de Saussure na *École des Hautes Études*.

⁹ No *Curso de Linguística Geral*, como bem destaca Auroux (2017, p. 185), Saussure retoma a série de termos sinonímicos “redouter”, “craindre” e “avoir peur” que “figura em quase todos os dicionários desde o abade Girard (1718)”.

¹⁰ “Le synonymiste qui s’émerveille de toutes les choses qui sont continues dans une mot comme esprit pense que ces trésors ne pourrait jamais y être contenus s’ils n’étaient le fruit de la réflexion, de l’expérience, de la philosophie profonde accumulée au fond d’une langue par les générations qui s’en sont servies”.

uma língua por gerações que dela se serviram”, esta questão não se coloca, aos olhos de Saussure, como fato primeiro e essencial na compreensão dos fatos de sinonímia (SAUSSURE, 2002).

Em que sentido ele pode ter razão, em certa medida, é isso que eu não examino, porque isto é, na realidade, em todo caso, o fato secundário. O fato primeiro e fundamental é que, não importa qual o sistema de signos que se ponha em circulação, se estabelecerá, instantaneamente, uma sinonímia, pois o contrário é impossível e equivaleria a dizer que não se atribui valores opostos a signos opostos (SAUSSURE, 2002, p. 78)¹¹.

Um olhar científico que circunscreve a língua enquanto sistema semiológico – tal é a postura do linguista genebrino – deve se concentrar no “fato primeiro e fundamental”: a “oposição” entre os signos. É no seio do sistema linguístico, posto em “circulação”, que todo e qualquer termo linguístico está à mercê da sinonímia. Não seria, pois, “fruto de reflexão” ou de “filosofia profunda”, mas um fenômeno de ordem social e linguística. A sinonímia se realiza entre signos opostos, física e acusticamente, e os sinonimistas só estabelecem uma lexicologia sinonímica após a realização do fato sinonímico, “vindo de surpresa”.

No momento em que lhe é atribuído um, é inevitável que uma oposição de ideias quaisquer, vinda de surpresa, se acomode seja num signo que existe por oposição a um outro, ou em dois ou três signos por oposição a um ou dois outros, etc. (SAUSSURE, 2002, p. 78)¹².

Outrossim, a palavra “espírito”, por apresentar, nela mesma, uma diferença com a forma da palavra “alma”, já faz estabelecer uma diferença de sentidos. O raciocínio saussuriano, como diria Milner, “conduz quase inevitavelmente a um lema oculto: não há sinônimos; toda diferença no significante induz a uma diferença no significado” (MILNER, 2002, p. 29)¹³.

Saussure avança em sua argumentação um pouco mais; vejamos:

¹¹ “En quel sens il peut avoir raison dans une certaine mesure, c’est ce que je n’examine pas, parce que cela est en réalité en tout cas le fait secondaire. Le fait primaire et fondamental, c’est que, dans n’importe quel système des signes qu’on mettra en circulation, il s’établira instantanément une synonymie, car le contraire est impossible, et reviendrait à dire qu’on n’accorde pas des valeurs opposées aux signes opposés”.

¹² “Du moment qu’on leur une accorde une, il est inévitable qu’une opposition d’idées quelconques venant à surprise se loge soit dans un signe existant par opposition à un autre ou bien dans deux ou trois signes par opposition à un ou deux autres, etc.”.

¹³ [...] le raisonnement conduire presque inévitablement à un lemme caché: il n’y a pas de synonymes; toute différence dans le signifiant induit une différence dans le signifié”.

Uma das múltiplas faces sobre as quais se apresenta esse fato é esta: um missionário cristão acredita dever inculcar em um povo selvagem a ideia de *alma* –; acontece que ele tem à sua disposição no idioma indígena duas palavras, uma que exprime mais o *sopro*, por exemplo, e outra mais a *respiração*; – de imediato, se ele está, de fato, familiarizado com o idioma indígena e ainda que a ideia a introduzir seja algo totalmente desconhecido para [], – a simples oposição das duas palavras, “sopro” e “respiração”, dita imperiosamente por alguma razão secreta sob qual das duas deve se colocar a nova ideia de alma, a tal ponto que, caso ele escolha, inabilmente, o primeiro termo em vez do outro, pode resultar daí os mais sérios inconvenientes para o sucesso do seu apostado lado – ora, essa razão secreta só pode ser uma razão negativa, já que a ideia positiva de *alma* escaparia totalmente, de antemão, à inteligência e ao sentido do povo em questão (SAUSSURE, 2002, p. 78 – grifos do autor)¹⁴.

Não bastaria, assim, apenas considerar a possibilidade sinonímica que exista entre as palavras “espírito”, “alma”, “sopro” e “respiração”, mas o efeito da diferença e da não positividade constitutiva de cada uma delas. Se não há positividade entre os termos é de fato porque, em termos saussurianos, nenhum signo é “limitado no total de ideias positivas que ele é, no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo” (SAUSSURE, 2002, p. 78 – tradução nossa).

As palavras “alma”, “sopro” e “respiração” podem não manter uma relação satisfatória em uma comunidade diferente, cuja compreensão de mundo seja outra – caso de “uma comunidade indígena”. Além do fato de que “alma”, ela própria, é uma palavra – assim como “sopro” e “respiração” – que tem sob ela o efeito da oposição e da negação, “já que a ideia positiva de alma escaparia totalmente, de antemão, à inteligência e ao sentido do povo em questão” (SAUSSURE, 2002, p. 78).

Nesse caso, um missionário pode, ao escolher determinada palavra, falhar em sua missão, pois, fatalmente, acolherá sentidos estranhos a uma palavra que ele poderia considerar como sinonímicos e absolutamente positivos, quando, para determinada comunidade, aquela palavra não lhe chega ao espírito, pois não comporta um arcabouço que a ela faça sentido.

¹⁴ "Une des multiples faces sous lesquelles se présente ce fait est celle-ci: un missionnaire chrétien croit devoir inculquer, à une peuplade sauvage, l'idée d'*âme* -; il se trouve avoir à sa disposition dans l'idiome indigène deux mots, l'un exprimant plutôt par exemple *le souffle*, l'autre plutôt *la respiration*; - immédiatement, s'il est tout à fait familier avec l'idiome indigène, et quoique l'idée à introduire soit quelque chose de totalement inconnu à [...], - la simple opposition des deux mots 'souffle' et 'respiration' dict impérieusement par quelque raison secrète sous lequel les deux doit se placer la nouvelle idée d'*âme*; à tel point que s'il choisit maladroitement le premier terme au lieu de l'autre, il en peut résulter les plus sérieux inconvenientes pour le succès de son apostolat – or, cette raison secrète ne peut être qu'une raison négative, puisque l'idée positive d'*âme* échappait totalement par avance à l'intelligence et au sens du peuple en question".

Na mesma linha de raciocínio da palavra “espírito”, o linguista elege outros exemplos, como “razão”, “intelecto”, “inteligência”, “entendimento”, “juízo”, “conhecimento”. Esses termos, também, não teriam, *sinonimicamente*, ideia positiva¹⁵.

A negatividade se impõe de tal maneira na argumentação do linguista que toma corpo em 19 passagens nos fragmentos – elegemos os ELG (2002), para citá-las e somos responsáveis por todas as traduções dos enunciados – em análise, quais sejam: “posição negativa” (p. 74), “escolha negativa” (p.74), “via negativa” (p. 75), “igualmente negativas” (p. 75), “igualmente negativos” (p. 75), “ideia desde o começo negativa” (p. 75), “termos negativos” (p. 76), “categorias negativas” (p. 76), “valores negativos” (p. 77), “barreira negativa” (p. 77), “puro fato negativo” (p. 77), “limitado negativamente” (p. 78), “razão negativa” (p. 78), “só pode ser negativa” (p. 79), “ação totalmente negativa” (p. 79), “fato NEGATIVO” (p. 79), “coisa essencialmente negativa” (p. 80), “valores relativos e negativos” (p. 80), “puramente negativo” (p. 80).

Sabemos que a assunção da “negatividade” é defendida enquanto “princípio fundamental da semiologia” (SAUSSURE, 2002, p. 70) e dela o linguista genebrino não abre mão, dedicando-lhe uma nota especial.

22b [*Princípio fundamental da semiologia*]

Não há, na língua, nem *signos*, nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significações; as quais 1º só existem umas, absolutamente, através das outras (nos dois sentidos) e são, portanto, inseparáveis e solidárias; mas 2º não chegam jamais a se corresponder diretamente.

Daí se pode imediatamente concluir: que tudo, e nos dois domínios (não separáveis, aliás), é NEGATIVO na língua – repousa sobre uma oposição *complicada*, mas unicamente sobre uma oposição, sem intervenção necessária de nenhuma espécie de dado positivo (SAUSSURE, 2002, p. 70 – grifos do autor)¹⁶.

A defesa do princípio da negatividade como constitutiva do sistema linguístico é mantida. Se ela é verificada “a partir das mais elementares substruções da linguagem” (SAUSSURE, 2002, p. 71 – tradução nossa), também é o princípio constituinte daquilo que

¹⁵ No conjunto de exemplos explorados por Saussure, concentramo-nos apenas em exemplos bem específicos.

¹⁶ “22b [*Princípio fundamental de la sémiologie*]/ Il n'y a dans le langue ni *signes* ni *significations*, mais des DIFFÉRENCES de signes et de DIFFÉRENCES de signification; lesquelles 1º n'existe les unes absolument que par les autres (dans les deux sens) et sont donc inséparables et solidaires; mais 2º n'arrivent jamais à se correspondre directement. // D'où l'on peut immédiatement conclure: que tout, et dans les deux domaines (non séparables d'ailleurs), est NÉGATIF dans la langue – repose sur une opposition *compliquée*, mais uniquement sur une opposition, sans intervention nécessaire d'aucune espèce de donnée positive”.

é da ordem da sinonímia. Em larga extensão, rege, do mesmo modo, o campo das significações.

A positividade, os objetos materiais e os fatos externos à língua

A negatividade supõe o princípio da não positividade, haja vista que não se pode assumir que haja qualquer intervenção de um “dado positivo” ou de uma possível “relação natural” entre os signos, as ideias e objetos materiais aos quais eles possam se referir. A insistência na não positividade se alinha nos textos de modo recorrente. Vejamos determinadas passagens que a tornam assunto a ser explicitado por Saussure.

01. Dito de outra maneira: se <i>uma palavra não evoca a ideia de um objeto material</i> , não há absolutamente nada que possa precisar seu sentido a não ser por via negativa (SAUSSURE, 2002, p. 75 – grifo nosso) ¹⁷ .
02. [...] <i>não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente ou mesmo incompletamente a objetos definidos materiais ou outros</i> (SAUSSURE, 2002, p. 76 – grifo nosso) ¹⁸ .
03. [...] assim, <i>em momento nenhum, a impressão que causa um objeto material tem o poder de criar uma única categoria linguística [...]</i> (SAUSSURE, 2002, p. 76 – grifo nosso) ¹⁹ .
04. Assim, <i>a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de outra ordem, indiferente à língua</i> (SAUSSURE, 2002, p. 76 – grifo nosso) ²⁰ .

Quadro 2: passagens sobre negatividade.

Nas passagens 1 e 2, o linguista genebrino enuncia que não há relação positiva entre os termos da língua e os objetos materiais (entendemos “objetos materiais” por “referentes”). Embora os enunciados 3 e 4 também anunciem essa não positividade, as argumentações seguem uma orientação diferenciada. Em 3, Saussure ressalta o poder

¹⁷ “Autrement dit: si un mot n'évoque pas l'idée d'un objet matériel, il n'y a absolument rien qui puisse en préciser le sens autrement que par voie négative”.

¹⁸ “[...] il n'y a aucune raison d'attendre que les termes s'appliquent complètement, ou même très incomplètement à des objets définis, matériels ou autres”.

¹⁹ “[...] ainsi, à aucun moment, l'impression même que fait qu'un objet matériel n'a le pouvoir de créer une seule catégorie linguistique [...]”.

²⁰ “Ainsi, l'existence des faits matériels est, aussi bien, que l'existence des faits d'un autre ordre, indifférente à la langue”.

absoluto do sistema semiológico sobre qualquer fenômeno extralinguístico, percepção acentuada no enunciado 4, no qual se defende ser “a existência de fatos materiais” indiferente à ordem da língua. Esses dois últimos enunciados (3 e 4) nos remetem à frase por demais conhecida na Historiografia Linguística, seja ela “a língua é um sistema que conhece somente sua própria ordem (SAUSSURE, 2005, p. 43)²¹.

No capítulo V do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2005), há uma brilhante discussão sobre “Os elementos internos e os elementos externos da língua”. Nele, não estão descartadas as relações entre outros fenômenos – históricos e culturais, por exemplo – com a língua. Para Saussure, os “estudos dos fenômenos” externos são frutíferos, todavia, seria falso assumir que sem eles não se possa estudar os elementos linguísticos internos (SAUSSURE, 2005, p. 42).

Os enunciados 2 e 3 nos reenviam a uma postura saussuriana, visibilizada nos manuscritos dos ELG e SD, requerida de atenção. O linguista escreve que a língua toca o exterior, mas o faz de uma maneira específica: “obliquamente” (SAUSSURE, 2002, p. 201)²².

Obliquamente ou não, ainda que tenhamos em conta a “positividade”, é necessário e essencial lembrar que as unidades, estabelecidas entre os significantes e os significados, seriam um “expediente inevitável de nosso espírito” (SAUSSURE, 2011, p.163 – tradução nossa). A combinação particular signifiicante/significado teria sua positividade própria, embora dependa de determinados processos sob os quais operam apenas diferenças e negatividades (MILNER, 2002):

Este signo só tem propriedade pelas relações de diferença que seu signifiicante mantém com todos os outros significantes da língua – e seu significado, com todos os outros significados da língua. A relação de associação interna em um signo dado requer a relação, ou melhor, as relações dos signos entre eles. Dito de outro modo, a relação do signo

²¹ “[...] la langue et une système qui ne connaît que son ordre propre”.

²² Deparamo-nos com mais um termo necessário à investigação, “obliquamente”. Este parece fazer par a dois outros, sejam eles “necessário” (BENVENISTE, 1995) e “contingente” (MILNER, 2002), tomados para se pensar as relações entre os signos e as ideias, no signo em sua totalidade, e nos signos em sua relação extralinguística. Pelas lunetas de Saussure, Milner (2002) escreve que as relações entre os signos e os referentes extralinguísticos – ou entre os significantes e significados – são “contingentes”, pelo fato mesmo de não haver “essência” comum entre eles. Ainda assim, como bem adverte Benveniste (1995), elas seriam “necessárias”, pois se estabelece, no espírito do falante, uma relação “positiva” de natureza qualquer. Para um aprofundamento maior sobre estes pontos, certas obras podem ser conferidas: Benveniste (1995), Milner (1978, 2002).

consigo mesmo é de igual natureza que a relação do signo com os outros signos. O interno está cruzado pelo externo.

Ao final do trajeto, sem dúvida, existe bem um signo dado. Enquanto sua combinação particular se encontra estabilizada, ela tem sua positividade própria, embora esta estabilidade e essa positividade dependam de processos nos quais só operam diferenças e negatividades (MILNER, 2002, p. 35)²³.

Seriam bem estas “regras obrigatórias gerais que pesam sobre o método linguístico” (MILNER, 2002, p. 35 – tradução nossa) e, por assim, dizer, sobre o modo de pensar, semiologicamente, os “fatos de sinonímia”²⁴.

Sob à luz e à sombra dos exemplos

Milner (2002) exalta a potencialidade filosófica saussuriana e alerta para a pouca trivialidade constitutiva de tudo aquilo que o linguista enuncia:

Saussure é um autor límpido, mas sua limpidez desorienta. A isto se junta a aculturação do que lhe beneficiou; seu preço é a aparência da trivialidade: o leitor costuma acreditar que se encontra com algo muito conhecido. Ora, há pouca trivialidade em Saussure (MILNER, 2002, p. 17-18)²⁵.

Essa pouca trivialidade que Milner tão argutamente reconhece em Saussure certamente deriva, em grande parte, da franca lucidez que, por sua vez, tinha o linguista suíço a respeito da pouca trivialidade existente na língua.

²³ “Ce signe n'a de propriétés que par les relations de différence, qu'entretient son signifiant avec tous les autres signifiants de la langue – et son signifié avec tous les autres signifiés de la langue. Le rapport d'association interne à un signe donné requiert le rapport ou plutôt les rapports des signes entre eux. Autrement dit, le rapport du signe à lui-même est de même nature que le rapport du signe aux autres signes. L'interne est retraversé par l'externe. En fin de parcours, cependant, un signe donné existe bien. Tant que sa combinaison particulière est stabilisée, elle a sa positivité propre, bien que cette stabilité et cette positivité dépendent de processus où n'interviennent que des différences et des négativités”.

²⁴ Essa conjunção entre positividade e negatividade, explicitamente patente no CLG (SAUSSURE, 2005), opera-se quando – para retomar uma expressão que intitula o quarto subitem do capítulo “O valor linguístico” do CLG – é “o signo considerado na sua totalidade”. Só nessa apreensão do todo é que se alcança conceber o positivo: o terreno signico em que se sustenta o ofício da linguística, empírico conceitual que compreende o significado e significante em combinação e que, ele mesmo, se faz em combinação com o que à língua lhe é externo: “Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças” (SAUSSURE, 2005, p. 166-167 – tradução nossa).

²⁵ “Saussure est un auteur limpide, mais sa limpidité désorienta. À cela s'ajoute l'acculturation donc il a bénéficié; sont prix est l'apparence de trivialité: le lecteur croit souvent retrouver du bien connu. Or, il y a peu de trivialité chez Saussure”.

Sob esta via paradoxal, da limpidez que desorienta, deparamo-nos com outras demonstrações inseridas no seio das discussões sobre os fatos de sinonímia.

Assim, *sol* parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra *lua*: todavia, quando Diógenes diz a Alexandre “Saia da frente do meu sol”, não há mais em *sol* nada de *sol* a não ser a oposição com a ideia de *sombra*; e esta ideia de *sombra*, ela própria, é apenas a negação combinada da ideia de *luz*, de *noite fechada*, de *penumbra*, etc., acrescentada à negação da coisa combinada com relação ao espaço obscurecido, etc. (SAUSSURE, 2002, p. 74 – grifos do autor)²⁶.

No enunciado “Saia da frente do meu sol”, não seria a relação entre a palavra “sol” e seu referente extralinguístico o fato linguístico essencial. Antes, deve-se observar as relações entre os termos “luz” e “claridade” em sua oposição com outros termos, a exemplo de “sombra” e “penumbra” – sendo estes também constituídos na “negação combinada” da ideia de “noite fechada”, “penumbra”, “espaço obscurecido”.

Daí a defesa: “Assim, somente há nessa palavra o que não estava antes fora dela; e esta palavra pode conter e encerrar em germe, tudo que não está fora dela” (SAUSSURE, 2002, p. 74-75)²⁷.

Saussure não nega o efeito de positividade estabelecida entre os significantes e os significados – e, de certa maneira, para nossa investigação, que haja sinonímia entre os termos.

Como não há na língua *unidade* alguma **positiva** (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além de *diferenças*, na realidade, a unidade é sempre imaginária²⁸, só a diferença existe. Entretanto, somos forçados a proceder com a ajuda de unidades positivas, sob pena de ser, desde o início, incapazes de dominar a massa dos fatos²⁹ (SAUSSURE, 2011, p. 163 – grifos em itálico do autor; grifo em negrito inserida por Amacker em sua edição)³⁰.

²⁶ “Ainsi *soleil* semble représenter une idée parfaitement positive, précise et déterminée, aussi bien que le mot *lune*. cependant, quand Diogène dit à Alexandre "Ôte-toi de mon soleil", il n'y a plus dans *soleil* rien de *soleil* si ce n'est l'opposition avec l'idée d'*ombre*; et cette idée d'*ombre* elle même n'est que la négation combinée de celle de *lumière*, de *nuit parfait*, de *pénombre*, etc, jointe à la négation de la chose *illuminée* par rapport à l'espace obscurci, etc”.

²⁷ “Ainsi, il n'ya jamais riens *dans cet mot* que ce qui n'était pas d'avance *hors de lui*; et cet mot peut contenir et enfermer en germe, tout ce qui n'est pas hors de lui”.

²⁸ Essa palavra “imaginária”, neste enunciado, deve merecer certa atenção dos estudiosos. Pode ser bastante revelador buscar entender as possibilidades de sentidos que a expressão “a unidade é sempre imaginária” nos reserva.

²⁹ “Comme il n'y a, dans la langue, aucune unité positive (de quelque ordre et de quelque nature qu'on l'imagine) qui repose sur autre chose que des différences, en réalité, l'unité est toujours imaginaire, la

Se o linguista seria, de certa maneira, forçado “a proceder com a ajuda de unidades positivas” (SAUSSURE, 2011, p. 163), ele não pode perder de vista que sob a “a massa dos fatos” é a negatividade que age “sigilosamente” e mantém a harmonia semiológica.

Ao avançar no tratamento da sinonímia, outra questão vem à tona. Trata-se de considerar o “sentido próprio” e o “sentido figurado”, como nos exemplos por ele explorados:

[...] o nome do mesmo objeto servirá para muitos outros: assim, a *luz da história*, as *luzes de uma reunião de sábios*. Neste último caso, pode-se considerar que um novo sentido (*dito figurado*) se interpôs: essa convicção parte puramente da suposição tradicional de que a palavra possui uma significação absoluta que se aplica a um objeto determinado: é essa presunção que combatemos (SAUSSURE, 2002, p. 75; grifos do autor)³¹.

Embora fuja de nosso escopo explorar as discussões que envolvem o “sentido próprio” e o “sentido figurado”, não se perde de vista que a não positividade, circunscrita na arbitrariedade do signo, seria a mola propulsora para efetivar a criação de enunciados do tipo “a lua aparece”, “a lua cresce”, “a lua decresce”, “a lua se renova”, “as luzes de uma reunião de sábios”, “a luz da história”.

Considerações finais

Em nossos estudos percebemos que, por mais fragmentários que possam ser certos textos saussurianos, eles ensejam discussões filosóficas e linguísticas que merecem certa atenção. Aqui vemos um linguista contemplando os fatos de sinonímia servindo-se de um arcabouço através do qual buscou entender a estrutura e o funcionamento linguístico enquanto fenômeno semiológico.

É necessário considerar de modo mais intenso outras razões que teriam levado F. de Saussure a se interessar pelos “fatos de sinonímia” e explorar, também, com mais

différence seule existe. Nous sommes forcés de procéder néanmoins à l'aide d'unités positives, sous peine d'être dès le début incapables de maîtriser la masse des faits”.

³⁰ Extraímos a passagem do SD, pelo fato de Amacker ter decifrado certas palavras que não encontramos na edição de Bouquet & Engler.

³¹ “[...] que le nom du même objet servira à beaucoup d'autres: ainsi la *lumière de l'histoire*, les *lumières d'une assemblée de savants*. Dans ce dernier cas, on est persuadé qu'un nouveau sens (*dite figuré*) est intervenu: cette conviction part purement de la supposition traditionnelle que le mot possède une signification absolue s'appliquant à un objet déterminé: c'est cette présomption que nous combattons”.

fôlego, as diferentes maneiras e todos os exemplos eleitos pelo linguista para se colocar mediante tais fatos. Nosso trabalho é uma reflexão inicial e, pela própria natureza da problemática, muitas arestas estão em aberto, merecendo, assim, outras discussões.

O que podemos concluir, à primeira vista, é que fica cada vez mais difícil sustentar que o linguista genebrino negligenciou uma discussão acerca do sentido. Não defendemos que esta discussão esteja especificamente ligada aos fatos de sinonímia, pois o manejo com estes fatos foi realizado com a ferramenta conceitual constitutiva da língua, enquanto sistema de signos: a arbitrariedade, a oposição, a negação, a relação, dentre outros.

O sistema semiológico saussuriano comporta o sentido, todavia, não o sentido de um termo linguístico qualquer. Nisso, vemos o brilhantismo de um linguista que revela em um enunciado – repetível nos manuscritos dispostos nos ELG e SD – ser a língua um todo inseparável: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável” (SAUSSURE 2002, p. 74 – tradução nossa).

Referências

AUROUX, S. Deux hypothèses sur les sources de la conception saussurienne de la valeur linguistique. **Travaux de linguistique et de littérature**, v. 23, n° 1, p. 295-299, 1985.

_____. Que peut dire un historien des sciences sur Saussure? **Entremeios: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, jul./dez. 2017. Disponível em <<http://www.entremeios.inf.br/published/531.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BISCONTI, Valentina. La synonymie dans la seconde moitié du XIXe siècle: description, pédagogie et théorisation. **Congrès Mondial de Linguistique Française**, 2012. Disponível em: <http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2012/01/shsconf_cmlf12_000281.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

LIMA, Maria Hozanete Alves de; MELO, Felipe Moraes de. Fragmentos sobre os “fatos de sinonímia” nos Escritos de Linguística Geral. **Revista do GELNE**, v. 19, p. 260-272, 2017.

MILNER, Jean-Claude. **L’amour de la langue**. Paris: Seuil, 1978.

_____. **Le périple structural**. Paris: Seuil, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

_____. **Cours de linguistique générale**. Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 2005.

_____. **Science du langage. De la double essence du langage**. Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker. Genebra: Libraire Droz, 2011.

Abstract

This work aims to follow a certain reflection of the linguist F. de Saussure on what he denominated "facts of synonymy", through manuscripts organized in the Écrits de Linguistique Générale (SAUSSURE, 2002) and Ferdinand de Saussure; Science du langage; De la double essence du langage (SAUSSURE, 2011). Considering the linguist's thinking on this question is a significant historiographical exercise for the science of language. Thus, in this study, we raised a reflection guided by the following questions: 1. What reasons would have led F. de Saussure to take an interest in the "facts of synonymy"?; 2. How does the linguist deal with this type of linguistic manifestation?

Keywords: *Facts of synonymy. Saussurian manuscripts. Linguistic historiography*

Recebido em: 21/11/2017.

Aceito em: 29/06/2018.